

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n. 46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A. n. 33/2012 | taxa percipue | tassa riscossa Roma



**O primeiro Doutoramento
h.c. de Sophia a
S.S. Bartolomeo I**

**Novas perspectivas
no caminho da
unidade**

**A paz
interpela-nos**
Em ação
no mundo

**Externos da
Escola Abbà**
Ao serviço do
texto do "Paraíso
de 49"

A nossa «rocha»

[...] Com profunda alegria e gratidão, temos a impressão de que o Espírito Santo nos sugeriu [...] o modo para que esta realidade [o crescimento do Movimento dos Focolares] seja garantida agora e no futuro. Uma descoberta simples, convincente e impagável.

Há uma afirmação de Jesus que nos dá uma segurança total a esse respeito e dá paz ao coração. Ele afirma que uma casa construída sobre a rocha não desmoronará, ao contrário daquela construída sobre a areia. Poderão vir ventos, tempestades, enchentes, mas a casa permanece. Esta rocha é a Palavra de Deus, ouvida e colocada em prática.

Também a Obra pode ser comparada a uma casa que se está a edificar no mundo.

Então também ela estará salva, segura, estável e progredirá se estiver apoiada na Palavra. Se as pessoas que a compõem não tiverem nenhum outro desejo, senão de viver a Palavra.

Mas qual é a Palavra que o Espírito imprimiu como um timbre nesta casa, no nosso Movimento, quando o Céu o imaginou e iniciou a sua realização aqui na Terra?

Nós sabemos, a palavra é: *Unidade*.

Unidade é a palavra que sintetiza toda a nossa espiritualidade. Unidade com Deus, unidade com os irmãos. Aliás, unidade com os irmãos para alcançar a unidade com Deus. [...]

Os nossos Estatutos colocam a unidade na base de tudo, como norma de todas as normas, como regra a ser vivida antes de qualquer outra regra. É a palavra para nós, é a rocha.

Conferência telefónica, Rocca di Papa, 9 de novembro de 1989, publicado in CHIARA LUBICH *L'unità* organizado por Donato Falmi e Florence Gillet, Cidade Nova, Abrigada, outubro de 2015, Pág. 32-34. Publicado também em *Buscar as coisas do alto*, Cidade Nova, São Paulo, 1993, Pág.164-167



Rocca di Papa, 23 de novembro de 1989.
Conferência telefónica

A vida não tem sentido para nós, a não ser nesta palavra. Nela, tudo ganha significado: cada gesto nosso, cada oração, cada respiro. Se nos concentrarmos nesta Palavra, vivendo-a o melhor possível, tudo estará salvo para nós: nós mesmos estaremos salvos e salva estará também aquela porção da Obra que nos foi confiada.

Talvez, no futuro, para a Obra no seu conjunto ou em alguma região [do mundo], virão momentos diferentes do atual, marcado por muitas consolações, frutos, luz, fogo. Poderão surgir momentos de escuridão, de desânimo, ou perseguições, tentações. O demónio poderá tentar de mil maneiras destruir tudo Poderão acontecer desgraças, catástrofes... Mas se nós estivermos firmes sobre a rocha da unidade, nada nos poderá atingir, tudo prosseguirá como sempre.

Chiara Lubich



Castel Gandolfo, 27 de setembro. Jesús Moran, mons. Vincenzo Zani, a socióloga Giulia P. di Nicola, Emmaus Voce

Novidade editorial

Paulo VI e Chiara Lubich

a profecia de uma Igreja que se faz diálogo

«Que sabedoria, que abertura, que grande coração! Eu representava e trazia uma Obra nova, nascida na Igreja, com novidades quer como espiritualidade, quer na sua estrutura. Mas ali, não havia dificuldades». Chiara Lubich recordou deste modo a primeira audiência privada, que lhe foi concedida pelo Papa Paulo VI, no dia 31 de outubro de 1964. Palavras que iluminam a influência que teve o Pontífice na configuração institucional e jurídica da Obra de Maria, e o relacionamento entre a fundadora dos Focolares e o Papa, iniciados quando o Mons. Montini era substituto da Secretaria de Estado, continuados quando foi Arcebispo de Milão e aprofundados durante o seu pontificado. São precisamente esses relacionamentos que estão no centro deste volume de Paolo Siniscalco e Xenio Toscani (ed. Studium), resultado da colaboração entre o Instituto Paulo VI e o Centro Chiara Lubich. O texto revela-se de uma importância substancial pelo conhecimento da história da Obra de Maria, do doloroso caminho percorrido por Chiara para o fazer nascer e pelo papel sábio que, em tal circunstância, o cardeal Montini desempenhou. E aborda também «um tema que – como se lê na premissa – une esta novidade a um grande interesse em tornar possível uma compreensão mais adequada do pontificado de Paulo VI, bem como das etapas anteriores, da sua atividade pastoral».

A presença de documentos inéditos dá à publicação um peso histórico de relevo e torna-a nova, como sublinhou o pe. Angelo Maffei, presidente do Instituto Paulo VI, no decurso da primeira apresentação do livro, realizada no dia 27 de setembro no Centro Mariápolis de Castel



andolfo. Estavam presentes cerca de 600 pessoas, entre as quais o card. Giovan Battista Re, juntamente com a Emmaus e Jesús, os membros do Conselho Geral e os Delegados da Obra das diferentes áreas geográficas. «Aproximamo-nos destes dois grandes – disse a Emmaus – com o desejo e a vontade de aprendermos com eles a viver, a ser tecelões de unidade que possam dar um contributo à Igreja e à humanidade». Depois de uma iluminante síntese dos contributos do texto, apresentada por Alessandro De Carolis (da Rádio Vaticana), Mons. Vincenzo Zani, secretário da Congregação para a Educação Católica, pôs em evidência «uma ação especial do Espírito Santo que, através deles, traça vias válidas ainda hoje para o renovamento da vida e da missão da Igreja». E ainda, de um «humanismo renovado» que os induz a «valorizar a laicidade, a redefinir a relação homem-mulher», referiu a socióloga Giulia Paola Di Nicola. Na conclusão, o Mons. Marcello Semeraro, bispo de Albano, reconheceu, no relacionamento entre Paulo VI e Chiara, o desenvolvimento de um diálogo-colóquio que se torna profecia, ou seja, «realização gradual, na História, do projeto eterno de Deus». Como fecho do sarau, o concerto oferecido pelo pe. Carlo Seno, preparado com uma escolha de peças de Chopin, «em diálogo» com textos de Paulo VI, uma surpresa de beleza e intensidade.

Elena Del Nero, Lucia Abignente
Centro Chiara Lubich

Primeiro Doutoramento h.c. de Sophia ao Patriarca Bartolomeo I

O «Já» e o «ainda não» da Unidade

Desde 25 de outubro e durante três dias, Loppiano foi a cidade do Patriarca de Constantinopla, a sua casa

Um estudante turco em Roma, na Gregoriana, Dimitrios Archondonis, desde os anos 60 que tinha relacionamentos de amizade com os Focolares, traduzindo a correspondência entre Athenagora I e Chiara Lubich. Mais tarde, estava presente em Istambul, nos encontros do Patriarca Dimitrios I com a fundadora dos Focolares. Em 1991 torna-se Patriarca ecuménico

de Costantinópolis, com o nome de Bartolomeo I. Portanto, um amigo «antigo». Hoje é reconhecido publicamente como Mestre e Cidadão, e, para muitos, como um pai.

«Conferir a Si, Santidade, o primeiro Doutoramento h.c. significa que a nossa Comunidade universitária reconhece em Si o intérprete e perspicaz pioneiro generoso e infatigável daquela Cultura da Unidade, na qual se exprimem - na Luz de Deus, Trindade de Amor - a verdade, a bondade, a beleza». Foi como começou, em 26 de outubro, no Auditorium da Theotokos, o presidente de Sophia, prof. Piero Coda, diante dos 1400 participantes. Estava presente todo o Conselho geral do Movimento dos Focolares. O evento foi seguido em direto, via *streaming*, por cerca de 4000 pontos de escuta. A *lectio magistralis* do Patriarca ilumina o conceito de unidade, segundo as mais variadas perspetivas. Uma intervenção



Loppiano, 26 de outubro. A atribuição do Doutoramento h.c ao Patriarca Bartolomeo, por parte do presidente, prof. Piero Coda. À esquerda o card. Giuseppe Betori, Grã-Chanceler do Instituto Universitário Sophia

magistral, de facto, que será objecto de estudo não só em Sophia¹.

Depois, na tarde que o Patriarca quis passar «em família», com os cidadãos de Loppiano, recebeu o pergaminho da cidadania. «Recebi a cidadania honorária de Lopiano, em nome do meu grande predecessor Athenagoras» - foram as suas palavras. Athenagoras, de facto, gostava de se definir um simples membro do Movimento dos Focolares, dizendo-o a Chiara, «lá no Centro Mariápolis, numa pequena sala onde estivemos». E o ser e o sentir-se cidadão de Lopiano, por parte de Bartolomeo, evidencia o fio, nunca interrompido, que liga o Focolar com os vários Patriarcas de Constantinopla, desde quando Chiara,

¹ O discurso integral e a transmissão direta *streaming*, na Mariapoli on line.

Ao amado irmão Bartolomeo

Na ocasião do Doutoramento, o Papa Francisco enviou uma mensagem «ao amado irmão Bartolomeo», alegrando-se com a iniciativa que contribui favoravelmente para o caminho comum das nossas igrejas em direção à plena e visível unidade, à qual tendemos com decisão e perseverança».

O Patriarca, numa entrevista à margem do evento afirmou: «É normal e natural que me sinta feliz e comovido por ter o primeiro Doutoramento *honoris causa* que o Instituto universitário Sophia quiz conferir a alguém. Sou o primeiro e estou feliz!

Mas a minha alegria e a minha felicidade maior e sentida, mais que pelo Doutoramento, é pela mensagem que o Papa Francisco, meu irmão muito amado, quis dirigir-me. Através dela, o Papa quis honrar-me ainda, mais uma vez. A sua elevada pessoa quis exprimir, também nesta ocasião, a determinação de trabalhar cada vez mais para a unidade das nossas igrejas irmãs.

Por parte do Patriarcado ecumênico, estou feliz por poder assegurar a Sua Santidade, e a vós todos que me escutais, a mesma determinação da nossa Igreja de Constantinopla».

em 13 de junho de 1967, se deslocou a Istambul. Uma ligação amada, que parte da profecia de um encontro e vê essa profecia encarnar-se no tempo.

E encoraja: «*Chiara viveu até ao extremo a sua paixão pela unidade, [...] Esta ícone de Cristo, que vemos em todos vós, é ícone da Igreja, primeiro fragmento de um mundo unido, prólogo da unidade de todos aqueles que estão na sequela de Cristo. [...] Continuem este carisma, levem-no por todo o lado no mundo, sejam sal da Terra, testemunhos preveligiados do já e ainda não.*».

É um mandato! Vê-se irradiar-se nos rostos, que tinham já selada no coração, uma paixão vivida pela unidade. No dia 27 de outubro, no Santuário Theotokos, as palavras do bispo de Fiesole no fim da oração ecuménica lembram: «Percebi que a unidade já nos tinha sido dada, está já no meio de nós. Devemos tirar as escamas dos nossos olhos. Que o Senhor nos ilumine para ver aquilo que já temos».



E as ocasiões para o fazer evidenciam-se. O Patriarca indica e recorda o próximo



As vozes de quem lá esteve

Entre os 1400 que vieram a Loppiano, de 25 a 27 de outubro, são muitas as delegações das Igrejas ortodoxas, de 7 Patriarcados e Igrejas, (Constantinopla, Moscovo, Sérvia, Roménia, Geórgia, Chipre, Grécia) de vários Países. Estavam representantes da Igreja católica, das Igrejas orientais ortodoxas, anglicanas, evangélicas, metodistas, valdeses; autoridades civis, docentes de vários Ateneos gemelados com Sophia, e representantes de uma comunidade muçulmana.



A saudação das monjas ortodoxas da Grécia. Ao centro o bispo Meini, de Fiesole

Uma monja ortodoxa, do mosteiro de Akritochori, no norte da Grécia, disse-nos: «É comovente estar num lugar assim, com pessoas do mundo inteiro. Somos cristãos de diversas Igrejas, e nem sempre os relacionamentos entre nós foram bons. Mas aqui a caridade guia-nos e caminhamos juntos. No nosso mosteiro rezamos com o *komboskini* "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus tem piedade do teu mundo e dá-nos a paz". Ficaremos unidos na oração todos os dias» e uma outra: «Rezei com o Patriarca, na liturgia, como se estivesse na minha cela no Mosteiro. Somos verdadeiramente um só coração entre Loppiano e o mosteiro».

Mons. Nikolaus Wyrwoll, sacerdote católico alemão, dos Focolares: «Fiz os meus estudos em Roma há 50 anos com o jovem diácono Bartolomeo. E agora, que me reformei, transfere-me para Istambul para estar mais perto dele. Nestes dias ouvi dizer muitas vezes "estamos em caminho para a plena unidade", mas aqui vivemos já "na unidade" e devemos fazê-lo



A saudação do prof. Stanciu, da Universidade Babes-Bolyai, de Cluj (Roménia)

transparecer, com as nossas palavras e mais ainda com a nossa vida. Devemos mostrar que já vivemos, com muitas diversidades, sim, mas dentro do caminho da unidade».

O arquiandrita Ignatios Sotiriadis, de Atenas, sublinhou: "Foi um momento no qual se saboreava o "já" das unidade entre duas igrejas, que se tornou tangível pela presença do Patriarca e pelo carisma de Chiara". E o arquiandrita Panteleimon: "Vivi uma experiência espiritual extraordinária. Vimos que nós, cristãos, se caminarmos segundo Deus, podemos estar



Da direita: o subsecretário do Conselho para a unidade dos cristãos, A. Palmieri e o arquiandrita Panteleimon, de Atenas

unidos: se cominarmos segundo o Evangelho, se escutarmos a Palavra de Deus como a Virgem, podemos descobrir um novo modo de viver, podemos descobrir a verdade que tantas vezes não nos é ainda dado ver. Quero que esta vida de amor chegue aos fiéis ortodoxos e abra o coração ao diálogo.

Isabella, católica, há 35 anos a viver na Grécia, é uma voluntária e é casada com um ortodoxo: «É um ponto de chegada e um ponto de partida. Foram colocadas bases sólidas para um caminho seguro. Ter a possibilidade de conhecer

encontro de Bispos de várias Igrejas: «Dentro de um mês receberei em Constantinopla os bispos amigos do Movimento.[...]. Nós, como igreja de Constantinopla, estamos felizes, estamos prontos para os acolher, para trocar as nossas experiências e retribuir o beijo da paz entre Oriente e Ocidente».

Temos um caminho a fazer

Foi a Emmaus e Jesús que resumiram os eventos, as emoções, isto é, o que foi amadurecido²:

«Uma consequência concreta daquilo que aconteceu nestes dias - explica Jesús - foi o facto de que se começa a pensar numa *Cátedra de Ecumenismo em Sophia*, que tem a sua raiz nos relacionamentos estabelecidos entre Chiara Lubich e o Patriarca Athenagoras. Isto, que foi uma ponte entre Oriente e Ocidente, onde Chiara com o seu Carisma jogou um papel fundamental, torna-se agora também matéria de estudo. Creio que também faz parte da cultura que nasce da *Obra de Maria*, que é uma cultura não abstrata, não formal, mas baseada em factos concretos, históricos». E continua: «Foi Sophia o instrumento para que o Patriarca Bartolomeo pudesse vir. Nisto se vê verdadeiramente o desígnio de Deus. Era preciso, como alguém disse, esta mediação cultural, para

2 Entrevista integrale su Mariapoli online

sacerdotes, arquiemandritas, metropolitans, ortodoxos e ver quanto amor têm no coração, quanta simplicidade, enche-me de uma alegria imensa. Estes passos podem acontecer porque na base há uma vida de anos, quantos episódios regados com lágrimas, de incertezas, de perdão dado e recebido entre católicos e ortodoxos. Somos poucos, somos pequenos, mas chegámos a estes dias. Quando partirmos de Loppiano, o que acontecerá? Não pode acabar. Somos nós, entre as gentes, que queremos continuar esta vida. E quando é o povo que vive, não se pode deixar de escutar.



que pudéssemos viver este acontecimento eclesial fundamental. E isto diz-nos também o papel dos instrumentos que a *Obra de Maria* tem, para poder comunicar o seu Carisma ao mundo».

« Nesta Cidadela - disse a Emmaus - verificou-se um encontro que foi muito para além do Movimento dos Focolares, porque foi a mensagem do Papa que [...] viu neste evento, neste reconhecimento dado ao Patriarca de Constantinopla, um passo concreto no caminho comum para a plena comunhão entre as Igrejas.[...] Era evidente o sentir-se em casa, por parte do Patriarca Bartolomeo, mas também de todos os outros membros das várias delegações e das várias Igrejas aqui representadas e também de pessoas de outras religiões. Mas porquê é que cada um se sentia em casa? Porque Loppiano é a Mariápolis, é a cidade de Maria, isto é, a cidade da mãe que acolhe todos. Então esta realidade, se Chiara a viu permanente em Loppiano, é verdade também que está presente em todo o mundo onde vivem as pessoas do Movimento. Portanto, a todos aqueles que lhe pertencem, quero dizer: " Não vos poupeis, temos um caminho a fazer e cada passo pode ser um passo decisivo neste caminho comum"».

por Gianna Sibelli



A família no centro

Sinodalidade, palavra chave

Concluiu-se no Vaticano o Sínodo sobre «A vocação e a missão da família, na Igreja e no mundo contemporâneo». Um caminho juntos para conjugar doutrina e misericórdia. O contributo dos Focolares



© L'Osservatore Romano

Três semanas de trabalhos (4-25 outubro 2015) precedidas por outras duas, no outono passado. Dois anos de reflexões e de estudo. É este o inovador percurso de um Sínodo no qual – como deseja o próprio significado da palavra – verdadeiramente se «caminhou juntos». Através de um questionário, de várias partes do mundo, cada um pôde dar o próprio contributo, sem ter de esconder as mais difíceis problemáticas que ameaçam a família hoje. Uma consulta coral, que se tornou linha de orientação para os trabalhos da convocação de 2014, que por sua vez forneceu os *lineamenta* para a sessão de 2015.

Este, sobre a família, foi o primeiro Sínodo do pontificado do Papa Bergoglio. E já nas suas primeiras frases se percebeu toda a novidade. Também os não aderentes aos trabalhos se familiarizaram com novos termos, como, por exemplo, «paresia», exprimir profundamente o próprio pensamento, sem receio de vir a ser julgados. Não foi sem esforço que os padres sinodais começaram a praticá-la, sem

ligar aos *média* que, ao comentar o clima do Sínodo, à vezes aceso, falavam, pelo contrário, de divisões e de correntes.

O mesmo aconteceu na assembleia deste ano. Desde a véspera que não faltaram episódios pouco «edificantes», como os definiu o próprio Bispo de Roma, mas que não condicionaram o desenrolar-se dos trabalhos sinodais. Como já nas edições 2014, com grande respeito e confiança, se olhou para a família no seu desígnio originário, na sua beleza e potencialidade, nas expectativas que suscita qual recurso da sociedade, apesar da complexidade e riscos a que está exposta nos tempos atuais. Nesta comunhão e na renovada atenção para com a família num mundo que muda, os Bispos puderam experimentar novas e mais significativas convergências, movidos já não pelo rigor da letra que escraviza, mas pela verdade que liberta, pela misericórdia que inclui e salva.

E desta «sinodalidade» dá testemunho o relatório final, cujos 94 artigos foram todos



aprovados com o *quorum* pedido, de pelo menos dois terços. São propostas iluminadas de esperança, que estão à mão de todos, sem excluir ninguém, especialmente quem, com humildade, deseja ficar unido a Deus na plena participação na vida da Igreja. As aberturas mais evidentes dizem respeito ao acompanhamento dos «casais de facto» em vista do sacramento nupcial (art.71), ao discernimento e integração - caso a caso - dos divorciados recasados, aos sacramentos, na medida em que «o juízo sobre uma situação objectiva não deve levar a um juízo sobre a imputabilidade subjectiva» (art.85) e o convite renovado ao respeito pela dignidade das pessoas com tendência homossexual. Também foi repetido que as uniões entre o mesmo sexo não têm nenhuma analogia com o desígnio de Deus sobre a família (art.76). As proposições emersas do Sínodo estão agora nas mãos do Papa, para serem transformadas num documento magistral.

Entre os 18 casais de auditores estavam também María Angélica e Luis Rojas, focolarinos casados da Colômbia, que fizeram parte do mesmo círculo menor do cardeal João Braz de Aviz, prefeito da Congregação para a vida consagrada e bispo amigo do Movimento. O card. João desenvolveu uma importante intervenção sobre «Trindade como modelo da relação familiar» (www.focolare.org), argumento que foi retomado no documento final. Também María Angélica e Luis tiveram um espaço na plenária, enquanto que, no círculo, puderam dar um significativo contributo, especialmente aquele respeitante ao acolhimento dos divorciados em nova união.

O Sínodo foi também ocasião para oferecer aos



María Angélica e Luis Rojas em colóquio com o Papa Francisco

padres sinodais momentos de relax e de conhecimento recíproco. Aceitaram o convite 54 Cardeais, Arcebispos e Bispos de todas as partes do mundo, interessados no trabalho dos Focolares, que puderam aprofundar no decurso de um jantar com as focolarinas da secretaria central dos Bispos amigos e os casais da secretaria de Famílias Novas.

Precisamente durante este ano decorre o Cinquentenário da instituição do Sínodo. Na celebração, realizada no Vaticano a 17 de outubro, foi recordado que esse provém da clarividência de Paulo VI, que quis dar continuidade àquela sinodalidade afectiva e efectiva entre os Bispos e com o Papa, experimentada no Vaticano II. O Papa Francisco, no seu discurso, recordou que somos todos chamados a esta sinodalidade, também quando nos reunimos em assembleias pequenas ou grandes da Igreja. E não hesitou em falar de «*descentralização*», dando o exemplo da «*pirâmide invertida, cujo vértice se encontra abaixo da base*».

Estas palavras, em plena sintonia com o que se está a viver na Obra, impressionaram fortemente a Emmaus, que, com alguns dos «nossos», foi convidada para a cerimónia.

Em www.focolare.org/notiziariomariapoli é possível ouvir as suas impressões «a quente» comunicadas no mesmo dia na Mariápolis Romana.

Por Anna Friso

Encontro dos Delegados

Cenários amplos, um forte empenho

Os encontros das Zonas com a Emmaus e Jesús foram ricos de vida e de reflexões sobre grandes temáticas. Alguns flash



O encontro dos Delegados, que começou com pouco depois do convite feito pela Emmaus a todo o Movimento para se mobilizar pela paz e pelo acolhimento, tem por base as imagens dramáticas dos refugiados em fuga da guerra, dos muitos migrantes que deixam os próprios Países destruídos pela fome, pelas condições climáticas, pela violência. Também os delegados trazem consigo as feridas destes povos, juntamente com o desafio, sempre presente, de ter em vista o «que todos sejam um».

Empenho pela paz Disponibilidade para o acolhimento

«O que se tem feito para acabar com os conflitos? Devemos mesmo mobilizar-nos! E façamo-lo reentrar na ação global da Obra - explica a Emmaus quando se encontra com as Zonas do Médio Oriente -, onde haja quem se disponha a abrir a sua casa, quem envie ajudas para os locais e quem procure identificar as causas e os remédios».

O Movimento dos Focolares está a

desenvolver uma ação global, no mundo inteiro. Não começou agora, mas tem um impulso que talvez não tenha tido antes. Por isso, acolhimento, sem dúvida; abrir as casas, as paróquias, as nossas estruturas, dentro das possibilidades e, sem dúvida, em conjunto com as estruturas já existentes, de acordo com as autoridades e com o nosso estilo específico de reciprocidade. Mas também, sublinha a Emmaus, não «se contentar em acolher os que vêm, porque eles, no fundo, não estão contentes; podem encontrar amor, acolhimento mas não se pode pensar que isto os recompense pelo facto de terem tido que deixar a própria terra. Será sempre uma tragédia deixar a pátria. Portanto é preciso chegar ao ponto em que cada um possa viver no seu País, em paz, com segurança, em condições de igualdade social. É a isto que temos que apontar, não tanto em alojar os refugiados, um certo número por País». Por isso, agir também a nível político, amplamente, interagir com os organismos internacionais para acabar com as causas destas migrações em massa.

A quem vive nos Países onde estas tragédias acontecem é pedido, de modo especial, outro passo: «Fazer o exercício de nos aceitarmos, seja qual for a decisão, a posição, a ideia, a interpretação», sugere a Presidente. «Devemos tender à unidade - retoma -, custe o que custar, a custo de aceitar as opiniões exatamente contrárias à minha, de ouvi-las até ao fim, de compreendê-las; aceitá-las e





deixar todos livres de agir diante de Deus, sem julgar: é um dos maiores desafios». De facto, há quem decide ficar e há quem não aguenta mais. «Cada família tem o direito de decidir o que é melhor fazer, pela própria vida e pela própria dignidade», defendem os Delegados do Médio Oriente.

Esperança no diálogo

A capacidade de viver juntos, de fazer com que realidades, tão diferentes entre si, convivam em harmonia é algo que a Ásia pode oferecer ao resto da Obra no mundo. «Os relacionamentos entre muçulmanos e cristãos, no âmbito do diálogo inter-religioso, parecem-me uma riqueza – evidencia a Emmaus. Claro que há lugares onde estes relacionamentos são problemáticos, são difíceis, há manifestações violentas, etc., mas não acontece em toda a parte. E talvez em alguns lugares há manobras de outros, que intervêm para fomentar...mas de um modo geral, os asiáticos são conciliadores, estão desejosos de harmonia, porque faz parte da própria cultura. Na Indonésia, em algumas partes das Filipinas, do Paquistão e ainda da Tailândia, há a possibilidade de se falar, de se

entender, de ir para além das diferenças religiosas. E estes podem ser exemplos importantes para os Países onde a situação é difícil e de conflito».

Encontrando-se com as Zonas da África, Jesús sublinhou um aspeto particular do diálogo: «Ao menos nós devemos ter presente que o cristianismo não é ocidental, mesmo se Deus, historicamente, se incarnou num hebreu; apesar de ter um aspeto muito ocidental, o cristianismo não é património da cultura ocidental. Poderemos dizer que ele não é sequer uma cultura. Nós levamos uma vida, uma luz, que depois se torna africana, se torna... e podemos dialogar. Os cristãos africanos não são africanos ocidentalizados. Devemos ter isto muito presente, mesmo no diálogo com o Islão. Jesus traz a universalidade, mesmo se, depois, somos aquilo que somos».

Estratégias para que «todos sejam um»

Nesta fase da Obra, que escolhas fazer? Uma resposta chega da Emmaus «Podemos ainda dizer: bem, vamos “investir” na Ásia, fechemos focolares noutras partes, abramos focolares na Índia, na Indonésia, etc. Nós devemos descobrir o porquê de fazer uma certa coisa e o porquê é sempre “que todos sejam um”. Mas não se atinge só abrindo focolares, atinge-se talvez voltando a contactar com aquelas pessoas que não são da Obra, mas que têm dentro a semente do carisma e podem oferecê-la em benefício da humanidade, da sociedade, da Igreja, de acordo com as responsabilidades que têm. Parece-me que isto



21 de setembro. O colóquio com Pasquale Ferrara e Romani Prodi



Grandes Zonas. Europa, Itália

é trabalhar para “que todos sejam um”, mais do que abrir talvez um focolar naquele lugar. Por isso há uma grande efervescência. Talvez Deus esteja a preparar novas forças e novas gerações, para quando for necessário abrir os focolares: entretanto pede-nos esta nova visão».

De facto, Deus não deixa de encontrar o caminho para a abertura de novos focolares: assim foi na Zâmbia e na Bielorrússia, com o focolar feminino, em Angola e na Tanzânia com o masculino. Enquanto se estão a ver as possibilidades de outras aberturas.

Ao serviço das Instituições

Diante de uma realidade, a da União europeia, que tem dificuldade em se desenvolver, como sujeito que agrega povos e nações, tanto sob o ponto de vista económico como político-social, os Delegados das várias Zonas do «velho» continente interrogam-se sobre a função da Obra nestes Países, na ótica de um contributo à própria Europa.

«Ao verem-nos dever-se-ia poder dizer: “Eis uma assembleia ao serviço da Europa”», afirma um dos Delegados. «Deveríamos poder reforçar a rede que já trabalha nas instituições em Bruxelas - diz uma Delegada -. Dever-se-ia fazer nascer sinergias, Escolas de verão que formem os nossos jovens para a política europeia».

«Uma das coisas que dizia Romano Prodi (académico e político italiano, que interveio numa mesa redonda ndr) é a falta de leaders - retoma Jesús -. E não podemos pensar numa só pessoa, como o foram os grandes pais fundadores da Europa, mas num corpo, em muitos



juntos». Outra sugestão: ter de mira os meios de comunicação existentes, ativando uma comunhão de ideias e fazendo ouvir a própria voz. E, a propósito da crise de valores, há um método para ir além deles: falar de uma nova oportunidade para o Evangelho na Europa.

«Superar o esquema da transmissão com o esquema da geração: gerar a vida - sugere Jesús -. Eu pensei em Jesus no meio, em Maria. Os outros o que fazem? Vemo-lo nos nossos Países: fazem uma espécie de batalha, de defesa de valores. O nosso contributo é diferente, é mesmo captar o Jesus que fala, que talvez seja Jesus Abandonado, captar e continuar a partir daí, deixar-se interpelar».



Devidamente preparados

As “Summer school”, cada vez mais comuns, têm-se revelado ocasiões importantes para a formação, especialmente para as novas gerações. Sobre elas diz Jesús: «As “Summer school” deveriam chegar a isto: fazer com que a vida se reflita no modo de pensar, que haja princípios (categorias) firmes mediante os quais não se atue de modo diferente. Porque vive-se assim e pensa-se assim, o próprio pensamento está modelado desta maneira. Isto é um humanismo perfeitamente proponível, porque não tem nada de confessional, interessa a parte mais radical que existe no ser humano. É uma antropologia formidável. Esta conjugação de vida e de pensamento é aquilo de que nós precisamos.

Uma Summer school deveria servir para



Grandes Zonas. América do Norte, Oceânia

forjar homens deste tipo que, depois, por onde quer que vão, fazem coisas que têm este timbre».

Zonetas e comunidades locais: Multiplicar a vida

Na nova configuração da Obra, nota-se cada vez mais a importância e a função das subdivisões territoriais – as Zonetas -, e das comunidades locais.

Relativamente às primeiras, a Emmaus sublinha: «Não queria que, o definir estas novas Zonetas, significasse multiplicar as estruturas, em vez de multiplicar a vida. É preciso ter muito cuidado, neste sentido. Mesmo no

à América Latina, sugere: «As nossas comunidades locais deveriam ser como uma espécie de consciência crítica da unidade, isto é, aqueles espaços, numa cidade, num lugar, numa nação, numa paróquia, onde há um grupo que tem esta sensibilidade especial, que é algo de vital, que se apercebe dos sinais de unidade já existentes, alimenta-os e depois põe-se ao serviço. Faz também ações, tem uma consciência crítica, no sentido que pode dizer: aqui não há unidade; faz coisas, não vive só uma bonita experiência, mas é incisiva. Não se trata de uma coisa estruturada mas muito vital».



Grandes Zonas. América Latina



Grandes Zonas. Ásia

que respeita os Conselhos de Zoneta, eu diria: sim, é necessário um grupo que ajude os responsáveis, que vá, que ponha em prática, sem dúvida. Mas se dissermos: "Este é o Conselho de Zoneta, este é o encarregado de...", ", acabou, acabou! É preciso que entre na ordem de ideias que são pessoas que ajudam, que podem - por isso - hoje ser estas, amanhã outras, segundo os tipos de atividades que são o centro da atenção naquele momento. São tudo situações em que, neste momento, temos de ter a coragem de diminuir».

Jesús, a propósito das comunidades locais referindo-se

Potencialidades e desafios

«Não temos medo dos desafios – confia a Emmaus às Zonas da América do Norte e Oceânia – porque devemos enfrentar os desafios, conhecê-los, não para nos assustarmos ou nos amedrontarmos, mas para os assumir e ultrapassá-los com os nossos meios, que são Jesus Abandonado, Jesus no meio e sendo Maria».

por Aurora Nicosia



Grandes Zonas. Médio Oriente

Em Mariapoli online
www.focolare.org/notiziariomariapoli
encontram: Especial - "Encontro Delegados dia a dia"

No ano da vida consagrada

Carismas que caminham juntos

Testemunho de algumas e alguns jovens consagrados, do Movimento dos Focolares

No ano da vida consagrada que está a chegar ao fim e que vai dar lugar ao ano da misericórdia (que inicia no dia 8 de dezembro de 2015), um dos momentos mais esperados foi o Encontro internacional, para nós jovens consagrados, com o Papa Francisco, com o título «Acordai o mundo. Evangelho, Profecia, Esperança». O encontro - de 15 a 19 de setembro - foi organizado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

Estávamos presentes também nós, consagrados e consagradas aderentes ao Movimento dos Focolares. Eramos sessenta, vindos de quatro continentes, de trinta famílias religiosas. Durante dois dias, antes do início do “grande evento”, reunimo-nos em Frascati para «Redescobrir o rosto de Cristo no relacionamento entre jovens consagrados». Um arco-íris de Carismas ao serviço do único Evangelho e da única Igreja, para contribuir para a edificação

daquela espiritualidade de comunhão que, já em 2001, a encíclica *Novo Millennio Ineunte*. Propôs, à Igreja universal, como missão. Fortificados com esta experiência, lançámo-nos no grande Encontro de Roma como uma pequena, grande comunidade.

Com os outros 5000 jovens consagrados e consagradas, de todas as partes do mundo, entre as quais o Irão, Filipinas, Costa do Marfim, Zimbabwe, invadimos pacificamente Roma. O encontro tinha como objetivo: viver uma experiência de formação através do aprofundamento bíblico, teológico-carismático e eclesiológico dos elementos fundamentais da vida consagrada; oferecer um momento de partilha da própria realidade, dos desejos e das expectativas formativas; celebrar e testemunhar a beleza da vocação.

O encontro com o Papa Francisco foi o Momento central: respondendo a algumas perguntas, explicou que «*é verdade, culturalmente falando, que nós vivemos num tempo muito,*

1 *Novo Millennio Ineunte* n. 43





*muito instável e também num tempo que parece ser “um pedaço de tempo”: vivemos a cultura do provisório», à qual é preciso responder com a «cultura do definitivo»: Deus enviou o Seu Filho para sempre! Não provisoriamente, a uma geração ou a um País: a todos. A todos e para sempre». Articulou a sua intervenção segundo algumas palavras-chave: **proximidade** «Proximidade entre vocês e com os outros. Proximidade com o povo de Deus»; **memória** «O primeiro encontro com Jesus. A memória, a memória da própria vocação. Nos momentos obscuros, nos momentos de tentação, nos momentos difíceis da vossa vida consagrada, voltar às fontes, voltar a lembrar e recordar o espanto que sentimos quando o Senhor olhou para nós. O Senhor olhou para mim»; **profecia** «A vida consagrada também pode ser estéril, quando não for mesmo profética, quando não nos permitir sonhar».*

No último dia, durante o encontro - na Sala Paulo VI - com o Card. João Braz de Aviz, perfeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, alguns de nós perguntaram-lhe como podemos continuar a viver a comunhão dos Carismas, mesmo quando o estilo de vida que nasce do carisma da unidade não é plenamente compreendido e partilhado. Disse-nos que a nossa missão é continuar a fazer com que os Carismas caminhem juntos: não podemos continuar a avançar como valores paralelos ou separados, ou a olhar só para a nossa própria beleza. Uma flor é bonita, mas o jardim é mais bonito! Somos chamados a formar um jardim, porque a Igreja é esse jardim. Para concretizar este objetivo, continuou

Virgindade, plenitude de vida

«A sensação imediata que se experimenta percorrendo as páginas deste livro, é perceber a virgindade de uma perspectiva radicalmente nova, com uma frescura e uma luminosidade completamente inéditas para os nossos tempos». É com estas palavras que se inicia o prefácio de Pietro A. Cavalieri, a este livro escrito por Helmut Sievers (Chiarama), focalarino e sacerdote.

«Sente-se, quase espontaneamente - continua Cavalieri - a necessidade de agradecer ao autor por nos ter proposto um percurso linear e coerente, que permite revelar ao homem de hoje a atualidade intacta do estado de virgindade». Nos pontos-chave dos vários capítulos, o livro é enriquecido com textos de Chiara Lubich. «Com um estilo simples e claro - observa a Ir. Maria Lupo cp., ao apresentar o livro - o autor desenvolve uma reflexão progressiva sobre o tema, partindo de experiências de vida e considerando os desafios, os fracassos e as vitórias que estão presentes na história de cada um de nós. Uma novidade na abordagem é tratar a virgindade sem falar dos vazios e das renúncias, mas da “plenitude” de vida e de amor».



o Cardeal, é necessário um progresso da espiritualidade. Mas já não só da espiritualidade individual, mas da espiritualidade de comunhão, porque Deus é comunhão. A espiritualidade de comunhão é como um óleo que, aos poucos, se espalha e constitui esta realidade nova.

E se nos perguntassem que nota daríamos a estes dias – de um a dez – não hesitaríamos: dez. Foram dias sonhados e preparados em nome de uma maior comunhão, que aprofunda as raízes em Deus e alarga os braços ao irmão e à irmã; dias bons, como um fruto maduro, pelo percurso de dois anos construídos juntos, e colhido num tempo exclusivo de comunhão entre diversos Carismas. Daríamos dez à alegria e ao sacrifício que cada um fez na corrida para acordar primeiro, de manhã, para preparar o café para sessenta pessoas. E dez à franqueza com que nos corrigimos, quando havia qualquer coisa a “endireitar”, com a certeza de se estar diante de um irmão,

e não de alguém que julga. E dez com louvor daremos àquele kg de massa a mais que, sem hesitar, se acrescentou num grupo cada vez maior de jovens consagrados e consagradas, com os quais nos contagiávamos reciprocamente o desejo de construir uma família, para respirarmos juntos o valor acrescentado da comunhão, ingrediente indispensável. Assim, os seis, rez-vez de cada um, tornaram-se dez, porque cada consagrado e consagrada, nestes dias, se lançou com ímpeto e esperança, sem esperar uma recompensa pessoal, mas para a maior glória de uma Igreja de perfil cada vez mais familiar.

Os e as jovens consagradas dos Focolares

Instituto universitário Sophia

Doutoramento à Ir. Jean D’Arc, do Burundi

A primeira mulher a receber o doutoramento no Instituto Universitário Sophia foi uma religiosa: no dia 22 de setembro, a Ir. Jean D’Arc, do Burundi, defendeu uma tese sobre «Fundamentos e perspectivas de uma cultura da unidade». O relator foi o pe. Alessandro Clementia, professor de eclesiologia na Faculdade teológica da Itália Central, co-relator, o pe. Fabio Ciardi, professor no Instituto de teologia da vida consagrada (Claretianum), em Roma e o professor Piero Coda, presidente de Sophia. Conduziu os trabalhos a vice presidente, doutora Judy Povilus. Num clima descontraído, a Ir. Jean D’Arc explicou o que a levou a intitular a tese ao Mons. Michel Ntuyahaga, primeiro



bispo do Burundi, e as origens da congregação a que ela pretence «Bene-Umukamadu Burundi» da qual, o Bispo é fundador. Estava presente, na discussão, a madre geral, Ir. Nizigiyimana Revocata, vinda da África, e todas as suas irmãs das quatro comunidades, em Itália. O professor Piero Coda, elogiando o trabalho feito, sublinhou que a figura do Mons. Ntuyahaga, é uma revelação: nela se percebe a santidade, a adesão a Deus, um caminho de fé.



Acolhimento Global

Em ação pelos emigrantes e refugiados

Ninguém esperava um tal abanão, pelo menos não na ocasião em que chegou: durante um encontro da Mariápolis Romana, momento para começar juntos o novo ano. Claro que, nos olhos e no coração de todos, estão as imagens dos constantes desembarques na costa italiana, grega e outras, de pessoas a fugir das guerras e do desespero. A torrente torna-se impossível de deter: centenas de milhares de pessoas que chegam por todos os meios, não só por mar, atravessando os Países da Europa Balcânica.

Era portanto previsível o abanão, até porque a Emmaus, alguns dias antes, tinha já falado disso ao Centro da Obra. Mas, desta vez, o apelo foi mesmo cheio de sentimento, claro, transparente. Diante do drama dos refugiados e das pessoas que ficaram nos seus países em guerra, o que é que nós podemos fazer, como Movimento dos Focolares? É verdade e é inútil negar que, neste sentido, no Movimento, já se faz muito pelos outros. No entanto, no que a Emmaus diz, há qualquer

coisa de diferente. Ela pede-nos para, como Obra, fazermos alguma coisa concreta mas, sobretudo, para trabalharmos juntos pela paz, para deter as guerras: «Se nós não atuarmos juntos, não incidimos, é como muitos riachos que se dispersam».

O Papa Francisco, numa entrevista ao *Paris Match*, quando responde a uma pergunta sobre o que se pode fazer pelos refugiados, além da imediata assistência, diz também: «Só é possível resolver este drama se se olhar para longe. Atuando para favorecer a paz.³

«Estamos a preparar-nos», pode dizer alguém! E de facto assim é: também no Centro nos estamos a organizar para agarrar imediatamente esta oportunidade. Entretanto, no mundo, as mais variadas experiências demonstram que já nos pusemos a trabalhar: Por exemplo Klaus e Ursula Schwed, um casal de voluntários de Munique da Baviera, há tempos que tinham programado um passeio pelas montanhas. Na noite anterior, à 21,30, toca o telefone. Era um casal de voluntários





de Ausburgo que procuravam ajuda para uma mãe síria, que estava na estação central de Munique com três filhas pequenas. Klaus e Ursula Schwed mudaram imediatamente os seus planos e foram à estação. Conta Klaus: «Quando a 'princesa' de cinco anos, agarrou a minha mão, o gelo desfez-se. Fomos com os seus poucos bens para o nosso carro e quando, passada uma hora, as três crianças estavam deitadas, nós tivemos a certeza que elas teriam pela frente realmente uma 'Boa Noite'»

No dia seguinte, o casal organizou para a pequena família a continuação da sua viagem. Fizeram vários telefonemas, mas sobretudo «fizeram 'casa'» às crianças e à mãe, foram ao parque de diversões, e compraram tudo o que precisavam para um jantar sírio-alemão. «A segunda noite foi mais breve, porque o comboio era muito cedo. Depois de um rápido pequeno-almoço fizemos as malas, incluindo os víveres e alguns brinquedos. Na estação

já estava à nossa espera a Irmgard, de Ausburgo, para acompanhar a família durante a viagem seguinte. Quando nos despedimos, todos

tínhamos lágrimas nos olhos. Sentiamo-nos felizes e muito gratos por, em tão pouco tempo, nos termos tornado uma família. Quanta riqueza nos deu o senhor do Céu com esta espontânea mudança de programas!»

Igualmente na Cidadela Marienkroon, nos Países Baixos, ficaram hospedados alguns grupos de refugiados. Deu-se abrigo, especificamente, a 118 jovens e crianças, dos quais 15 eram raparigas

Um «TIR» para a Ucrânia

Católicos e Ortodoxos juntos, pelos refugiados

«A fraternidade das Igrejas perto dos homens de hoje», é o título do comunicado com que a imprensa local italiana difundiu a notícia da recolha de mais de vinte toneladas de produtos alimentares e vestuário, feita pela comunidade de Lecco, Brianza e Valtellina, no norte de Itália e que foram mandadas às centenas de refugiados da guerra, carentes de tudo, que estão no mosteiro de Sviatogorsk, na zona fronteiriça entre a Ucrânia e a Rússia.

«As pessoas do Movimento dos Focolares - prosseguia o comunicado - da paróquia de São Leonardo a Malgrate, a Obra de São Francisco para os Pobres, de Milão, e a comunidade ortodoxa recolheram alimentos e vestuário alcançando uma grande adesão também graças à generosidade de muitas das estruturas existentes nesse território».

A iniciativa partiu do pedido de ajuda para manter o acolhimento de refugiados no



O tir, a sair para a Ucrânia

e 103 rapazes, (sem os seus pais, na maioria provenientes da Eritreia e da Síria). Decidiu-se, em colaboração com a autarquia, pôr à disposição, durante duas semanas, os alojamentos da Cidadela. «Os ecos e o acordo de todos os nossos foram uma grande confirmação - escrevem-nos do País das tulipas – assim como a alegria de muitos por estar à disposição e viver juntos, concretamente, pela paz. Foi importante também o reflexo na opinião pública assim como a gratidão da autarquia, das entidades públicas, que concretamente nos apoiaram com o que era necessário. A rádio e os jornais realçaram esta disponibilidade, com estima. Foi uma experiência muito forte e bonita para toda a comunidade».

mosteiro, que o Arcebispo Ortodoxo Mark de-Yegoryevsk (Rússia) tinha dirigido à paróquia de São Nicola de Myra de Lecco (Itália), com a qual o Movimento dos Focolares tem contato, e que teve a adesão das comunidades locais dos Focolares. Foi uma oportunidade para viver o ecumenismo da vida entre as Igrejas Ortodoxa e Católica.

Muitas pessoas da comunidade se disponibilizaram, envolvendo os parentes, amigos e conhecidos. Foi espontânea a organização dos pontos de recolha. No fim, pusemos tudo num camião que veio da Ucrânia. A empresa que administra o lixo guardou nas suas instalações, gratuitamente, o material recolhido, o camião e os condutores. O pessoal das oficinas da alfândega ajudou-nos muito na documentação. O pároco ortodoxo de Lesso, P. Vitaly, e o sacerdote católico Pietro Raimondi foram para Kiev com o carregamento, para estar com os monges e os padres da Igreja ortodoxa da Ucrânia. Devido a dificuldades com a alfândega, a viagem foi mais demorada do que o previsto mas, por fim, o camião chegou ao mosteiro de

Além dos refugiados, que quotidianamente desembarcam na Europa, há outros milhares de pessoas que procuram asilo em outros Países do mundo, até na América do Sul. Todas as semanas, por exemplo, 20 pessoas da Síria pedem o visto para entrar no Brasil. A estas se juntam os refugiados do continente africano (cerca de 4.500) e, finalmente, os haitianos que são a maioria. Estes, embora não sejam oficialmente considerados refugiados, porque não entram nos parâmetros internacionais, foram também incluídos nesse estatuto pelo governo brasileiro, devido à crise humanitária que vive o Haiti. No Brasil, há cerca de 130 mil haitianos, com uma chegada diária de umas 50-100 pessoas.



A chegada ao mosteiro de Sviatogorsk, na Ucrânia

Sviatogorsk, de onde veio a seguinte mensagem: «Bem-aventurados os misericordiosos...». Todos os refugiados estão sinceramente agradecidos a quem assumiu como própria a sua dor, nesta operação de partilha. Muito Obrigada e que os nossos benfeitores italianos, que dedicaram tanto tempo e esforço, recebam todas as bênçãos do Senhor... O Bispo Arsenij, metropolitano de Sviatogorsk disse: «É de verdade gratificante que, num momento para nós tão difícil, os nossos irmãos não fiquem indiferentes, apesar da distância que nos separa, mas estejam dispostos a ajudar. Graças a Deus misericordioso, que dispõe os corações à piedade».

As comunidades locais de Lecco e de Valtellina

#SignUpforPeace



Assina e difunde o apelo para a paz dos Jovens por um Mundo Unido dos Focolares

<http://sgnupforpeace.cf/>

O apelo é feito em 6 línguas até agora (Inglês, Italiano, Espanhol, Português, Francês, Árabe).

O Movimento dos Focolares no Brasil não ficou só a olhar para o que se passa. Já desde o princípio de setembro que os habitantes da Mariápolis Ginetta organizaram uma primeira comunhão de bens para a Síria, mas a 'Conferência telefónica' de 26 de setembro levou a dar outros passos. Afife e Munir, um casal de focolarinos casados da Mariápolis, foram conhecer duas entidades públicas de São Paulo, que se ocupam dos refugiados: Adus e Caritas. Viram o trabalho que estão a desenvolver e, sobretudo, a longa lista de necessidades. Continuam a contactar outras entidades, tais como a Escola Aurora, o Sindicato de Vargem Grande Paulista, o Bispo de Osasco.

Deste modo, está-se a articular uma rede, para uma mobilização mais geral. A Maria José, uma voluntária, colabora com uma casa para idosos, que se disponibilizou para acolher alguns refugiados. Por seu lado, a Amanda de 16 anos, numa reunião de pais na sua escola, conseguiu a adesão para a recolha de Kit higiénicos (conjuntos para a higiene). Uma delegação de alunos e professores entregará à Caritas o que recolherem. O Pedro e a Ivanira envolveram nisto a sua família, os irmãos e os sobrinhos já levaram caixas com material de limpeza e

higiene. Uma das suas irmãs conseguiu a adesão dos habitantes do condómino. Escrevem: «Agora estamos a procurar um transporte para levar todo o material que recolhemos até este momento».

A experiência que se está a fazer no Brasil, terra de imigração e acolhimento, é interessante, porque sugere um método de trabalho repetível e eficaz: a 'rede'.

De facto, as pessoas confrontaram-se com a realidade, procuraram compreender as várias necessidades e, juntos, abriram-se ao território, pondo-se à disposição das diferentes instâncias



que trabalham nesta área, tais como o Presidente da Junta de Vargem Grande Paulista, o Bispo da Diocese, Monsenhor João Bosco, englobando os líderes civis e religiosos e traçando metas comuns também com outros Movimentos.

Escrevemos sobre a Alemanha, os Países Baixos e o Brasil, mas poderíamos também escrever sobre a Hungria, a França, a República Centro Africana, o Médio Oriente e muitos outros países do mundo. A rede que se vai construindo para uma ajuda concreta aos migrantes e refugiados e, mais genericamente, para favorecer a paz em todo o mundo, está só no começo, mas já tem os primeiros tímidos resultados. Mas, se um dia bonito se vê logo pelo amanhecer ... há só que agradecer.

Paolo Balduzzi





Marina Lafon, neta do escultor da "Senhora da Unidade"

Uma cidade de migrantes

Em Marselha, no bairro mais antigo da cidade, a colocação de uma estátua, a «Senhora da unidade», é entendida como um estímulo para o esforço pela fraternidade.

Grande porto no Mediterrâneo, Marselha é uma cidade cuja população é constituída por vagas sucessivas de migrações importantes. Desde a dos armênios, que fugiam do genocídio do império otomano, e que constituem hoje 10% da população, à dos italianos que chegaram nos finais de 1800 e no início de 1900 (parece que 30% dos habitantes é de origem italiana), àquela mais recente dos magrebinos (23%), sobretudo argelinos ou das Comores (10%), assim como espanhóis, gregos, e também africanos. Estas vagas migratórias formaram a identidade da cidade e definiram um povo «plural». Plural também do ponto de vista religioso, se pensarmos que, com os seus 80.000 membros, a comunidade hebraica é a terceira da Europa, depois da de Paris e de Londres, e estima-se que uma em cada quatro pessoas seja de religião muçulmana. Neste contexto, no qual a ideia da unidade é um desafio real e uma meta, pareceu-nos uma prenda «inventada por Deus», para esta cidade e para nós, a chegada de uma estátua: Nossa Senhora da Unidade! Na inauguração, a 28 de setembro, descobrimos a história contada por Marina Lafon, neta de Ghiorgo Zafiropulo, escultor de origem grega, nascido em Marselha em 1909 e falecido em 1993. Ele é o autor deste bronze monumental, do qual existem dois exemplares. O primeiro realizado e exposto em 1979, em Loppiano, onde o autor vivia naquele tempo. A neta, tendo ido há alguns anos à cidadela,

ficou fascinada com a vida da Mariápolis e com a estátua do avô, sonhou que a Nossa Senhora da Unidade fosse um dia para o centro de Marselha. Para atingir o seu objetivo, Marina criou uma associação «Nossas Senhoras da Unidade», atualmente com 120 membros, e conseguiu a aprovação e o apoio da Câmara. Finalmente a estátua, feita na fundição de Florença, onde o artista trabalhava, chegou e foi colocada no jardim anexo à Igreja dos Accoules, no «Panier», o bairro mais antigo de Marselha. Ao ver o público presente, mais de cem pessoas, o presidente da Câmara e vários administradores, com os quais tera sido difícil contactar de outra forma, não podemos deixar de pensar que Maria nos abre o caminho e nos conduz por caminhos impensáveis. Sentimo-nos impelidos por Ela, com a sua ajuda, a «sair» nesta nossa cidade para acolher todos, para criar pontes entre as várias comunidades e religiões, seguindo o caminho para chegar à unidade que o Menino, que Ela tem ao colo, indica: a Cruz, Jesus Abandonado.

Carla Bartoli



Ao serviço do texto do Paraíso '49

De 9 a 11 de outubro reuniram-se em Castel Gandolfo os atuais 24 membros da Escola Abbà, os «externos» dos grupos disciplinares, e os testemunhos vivos da fundação.

Desde a primeira hora do encontro, a Emmaus e Jesús esclarecem o seu objetivo: estudar e aprofundar os escritos da fundadora sobre aquele período de iluminação especial, chamado *Paraíso de 49*, contribuindo, com a competência e a profundidade de vida espiritual que é pedida aos participantes, para esta fase, em que o carisma da unidade se está a «atualizar» numa «fidelidade criativa».

Desde a sua fundação, sucederam-se muitas pessoas na Escola Abbà. Para além do grupo atual, composto por 24 membros, compreende também todos os que fizeram parte precedentemente e os «externos» ou colaboradores. «De resto, não é possível elaborar uma doutrina em quatro ou oito anos, são precisas gerações – explica a Emmaus. Só graças à colaboração entre os primeiros membros, os segundos, os terceiros e assim por diante, é que se pode pensar em conseguir individualizar a doutrina de Chiara presente no 'Paraíso'. Existe um grupo piloto, onde uma pessoa está durante quatro ou oito anos. Depois, essa pessoa passa a fazer parte do grupo mais alargado. Estamos diante de uma tarefa para a qual deverão trabalhar gerações e gerações.



Estamos apenas no começo».

Falando das diversas agências culturais da Obra, Jesús explica que somos chamados a fazer uma atualização do Carisma «ad

intra» e uma «ad extra». A tarefa da escola Abbà é o serviço imediato ao texto de '49: exprimir o que neste documento é expresso e o que ainda não está expresso, para fazer surgir a doutrina e oferecer um contributo para a compreensão e atualização do Carisma «ad intra». Outras agências culturais (Sophia, Cidade Nova, Centro Chiara Lubich) trabalham sobretudo «ad extra», em diálogo com a cultura contemporânea, para difundir as ideias presentes no Carisma e contribuir para criar uma cultura da unidade.

Os que estavam presentes – 200 de todos os continentes, e representantes de cerca de vinte disciplinas – participaram na leitura e comentário de excertos do *Paraíso '49*, trabalhados em grupos disciplinares e interdisciplinares, conheceram alguns dos primeiros membros da Escola Abbà e outros mais jovens. Foi uma experiência de Alma, foi entrar juntos na Aula da Escola Abbà. O encanto do *Paraíso* frutificou numa compreensão

mais profunda de alguns aspetos e permitiu aos grupos disciplinares identificar novas pistas para trabalhar.



Palko Toth



Em diálogo

A construção de um País depende de todos os cidadãos

Encontros do Movimento Político para a unidade em várias cidades da Colômbia

A política é uma tarefa para todas as pessoas, uma vez que a construção de um País depende de todos e não só dos políticos. Esta foi uma das ideias centrais expressas por Cecilia Di Lascio, filósofa e docente universitária, que já foi presidente na Argentina do movimento político para a unidade (mppu), na entrevista dada ao jornal *La Cronica*, durante uma viagem que a levou a várias cidades da Colômbia. Um País com uma realidade complexa, uma sociedade flagelada pela violência, pelo narcotráfico, pela corrupção, que existem também nas Instituições e fazem com que o medo não permita a participação na vida política, em especial aos jovens.

Em Armenia, na sede da Universidade *La Gran Colombia*, Cecilia encontrou-se com quarenta pessoas: políticos, estudantes e professores, partilhou com eles experiências de políticos que escolheram a fraternidade como método de ação política. Conheceu alguns dos

expoentes locais do Movimento Político para a unidade. «Ainda temos na alma o suave calor do Paraíso de Chiara, que

trouxeste à nossa cidade – escrevem-lhe de Armenia – Trouxeste-nos “Jesus político” que repete: “Olhai para todas as flores do campo” para escutar as vozes de todos os habitantes da cidade. Fizeste-nos experimentar uma nova

esperança na nossa gente, na nossa política, contrária ao egoísmo».

Em Rionegro, Angela Giraldo, procuradora da região de Antioquia – que engloba vinte e um municípios – convidou Cecilia a lançar a proposta da fraternidade na política a catorze empregados do seu escritório e a alguns políti-



Em Arménia, na Universidade La Gran Colômbia

cos da cidade. E o tema da fraternidade em política esteve também no centro de um encontro em Medellín, onde estava presente o sacerdote fundador de Coredi (Cooperação Educativa para o desenvolvimento integral), organização que trabalha para a escolarização dos camponeses. Ficou tocado pela novidade do Carisma, no âmbito da construção de espaços de fraternidade.

Em Bogotá, em redor de um assado, prato típico com carne cozinhada nas brasas, houve um diálogo aberto com profissionais de diversas áreas do Movimento dos Focolares. Mais dois encontros para políticos, em Tunja, cidadezinha a três horas de Bogotá, e em Tocancipá, este último com cerca de oitenta pessoas, entre as quais dois candidatos a presidente de Câmara e trinta candidatos ao Conselho municipal.

Madalena Peres, Ricardo Mazzarelli



Em Tocancipá



Inundações

Os jovens e o mundo da saúde

Uma escola, em Portugal, sobre temas e problemáticas do âmbito medico-sanitário, à luz do carisma da unidade

Estudantes da área medico-sanitária e profissionais do campo da saúde, juntos. Eram cinquenta os participantes, de Portugal, Itália, Espanha, Bélgica, que, na Cidadela Arco-íris, aprofundaram o tema: «A saúde entre o presente e o futuro. Desafios e responsabilidades para os Jovens».

A ideia da escola nasceu de um grupo de Gen2 de Portugal, que notando, neles próprios e nos seus coetâneos, as problemáticas específicas dos jovens que se abeiram do complexo mundo da saúde, procuravam uma resposta no carisma da unidade, vivido neste âmbito. A preparação envolveu, juntamente com a comissão da inundação da Medicina, do Diálogo, da Comunhão, os Gen portugueses promotores da iniciativa e alguns Gen italianos. As reuniões eram realizadas na Web, apesar da dificuldade da língua, e entre todos estabeleceu-se uma autêntica relação, notava-se a presença de Jesus no meio de nós.

Durante a escola falou-se de relacionamentos na medicina e de bioética, com especial atenção às problemáticas ligadas ao final da vida. Foi relevante o contributo de dois dos maiores especialistas portugueses em bioética: o professor

Walter Osswald, um dos iniciadores dos estudos sobre bioética em Portugal, e o Dr. Filipe Almeida, membro da Academia Pontifícia para a Vida. Para este último, era o primeiro contacto com o Movimento dos Focolares.

Os temas foram ilustrados com lições (algumas preparadas pelos próprios Gen), momentos de diálogo em plenárias e trabalhos de grupo, nos quais a exposição das evidências científicas disponíveis era acompanhada pelas experiências da vida laboral. Os momentos recreativos e o passeio a Lisboa contribuíram para criar a unidade entre todos, eliminando toda a distância entre docente e estudante. Um papel primordial deve ser reconhecido à Cidadela e ao amor com o que os seus habitantes fizeram «casa» aos participantes.

No final, a impressão generalizada era de gratidão recíproca pela nova compreensão de temas e problemáticas com que, diariamente, se depara quem trabalha pela saúde das pessoas.

Flavia Caretta



Novidades Editoriais

Pela rua 'Gocciadoro'

Dos apontamentos de Giosi Guella, páginas inéditas dos inícios e desenvolvimentos dos Focolares.

«Pela rua Gocciadoro, Chiara mostrava-me as estrelas. Não me lembro das suas palavras. Pensando bem, pareceu-me que percebi que era a ânsia por sair do nosso pequeno mundo para espriar-se num mundo mais vasto».

É assim que Giosi Guella anota os seus primeiros encontros com Chiara Lubich, em Trento, durante a Primavera de 1944. Daí vem o título do livro editado pela Città Nuova que narra a vida desta companheira dos primeiros tempos da fundadora dos Focolares, com quem ela partilhou, até à sua morte, os vários momentos de luz e de prova que acompanham o nascimento e desenvolvimento de uma nova realidade na Igreja.

No dia 17 de Maio de 1995, Chiara, comunicando num telegrama a sua partida para o céu, definiu-a «uma das principais colunas do Movimento, dotada de uma particularíssima função».

Giosi tinha um especial talento, que soube fazer frutificar por cada próximo que passava por ela. Por onde viveu ela acolheu e aliviou sofrimentos, ofereceu conselhos acertados, ajudou a encontrar casa, trabalho, confiança. Deste modo ela deu impulso à formação de muitas comunidades dos Focolares em Itália, na Europa, na América do Norte. Tudo contribuía para o «capital de Deus» que se ia formando, composto



pelos bens, mas também pelas necessidades, de que, desde os inícios, foi uma atenta e ao mesmo tempo generosa administradora.

Este foi o papel, menos notório talvez, levado a cabo no desenvolvimento do aspeto «Comunhão dos bens e trabalho», desde os primeiros anos, ao lado de Chiara em Trento e, mais tarde, em Roma.

Em 1948, depois de uma primeira síntese de como realizar uma comunhão de bens, feita ao primeiro grupo em Trento, Chiara confiou a ela e ao Marco Tecilla a função de registar as entradas, as saídas e os contributos de cada um. A Giosi seguiu posteriormente este aspeto, através também de iniciativas especiais, tais como as diversas ações sociais que nos vários Países se tornavam necessárias, à medida que o Movimento se desenvolvia. Ela pôde também acompanhar os primeiros passos do projeto «Economia de comunhão», lançado por Chiara Lubich em 1991.

Vinte anos depois da sua passagem para o céu, sentiu-se a exigência de propor a sua biografia, sem dúvida não exaustiva, escrita com base nos seus escritos e discursos, que foram gravados e conservados no Ficheiro geral do Movimento dos Focolares.

Caterina Ruggiu

Na festa de Todos-os-Santos, lembrámo-nos dos nossos mariapolitas celestes, profundamente gratos por nos terem aberto o caminho naquela 'santidade de povo' a que todos somos chamados. A seguir propomos a recordação de alguns que "foram" recentemente. Na Mariapoli on-line é possível conhecer a versão mais ampla de alguns dos perfis, que não publicamos na íntegra por motivo de espaço.

Luigi (Gino) Bonadimani

«No mundo para levar Deus»



O Gino, focolarino sacerdote de Pádua, deixou-nos no dia 22 de setembro, com 87 anos de idade.

Quando estudava Medicina, por intermédio de Giorgio Marchetti (Fede), seu colega de curso, conheceu a «novidade» que Chiara começava a iniciar no mundo e percebeu rapidamente que Jesus o chamava. Na manhã a seguir à sua licenciatura passou a fazer parte do focolar. «É uma escolha, - escreveu ao pai - não se trata de nenhum convento nem de eremitério, mas, pelo contrário, coloca-me no meio do mundo para levar a Paz de Deus».

Durante o serviço militar em Roma, trabalhou no Centro Hospitalar «Lucas», com Lucio Dal Soglio, Enzo Fondi, Gino Lubich e ainda outros. Esteve durante sete meses a tratar de Chiara, quando ela sofreu um grave acidente: foram momentos de uma experiência muito especial de unidade ela.

A seguir, foi para o focolar de Milão, depois para França e, durante sete anos, foi Delegado da Obra em Espanha. Seguidamente, durante 11 anos, foi também o Delegado da Obra em Trento.

Quando o Gino se estava a preparar para a ordenação sacerdotal, escreveu a Chiara: «Há alguns dias fui invadido por um profundo desânimo. Ajoelhei-me e li pausadamente: "Tenho um só Esposo sobre a Terra". Não me lembro de ter pronunciado estas palavras com uma convicção tão forte. Tive a sensação de ter celebrado verdadeiramente as minhas núpcias. Pude ver só n'Ele o meu sacerdócio, para não ser nada, para não ter nada, para ser só de Jesus Abandonado: de Deus»

Em 1981, Chiara confiou-lhe a

corresponsabilidade da Cidadela de Loppiano. Foram anos de grandes desenvolvimentos e Gino empenhou-se de corpo e alma. Na Mariápolis construíram-se novos edifícios, aumentaram os habitantes, abriram-se escolas para todas as realidades da Obra. Mas o seu coração pertencia aos focolarinos da escola, que encontravam nele um pai, um irmão, que os acompanhava na sua formação para a vida do focolar.

Em 1990, juntamente com Graziella De Luca, assumiu a responsabilidade do aspeto da «irradiação e apostolado», no Centro do Movimento. Mas, algum tempo depois, a sua saúde começou a diminuir, apesar da sua vontade de amar e de se doar não diminuir. Em 2002, a sua saúde piorou ainda mais e o Gino foi viver para o focolar de Villa Achille. Gianmario Maddalena, o focolarino que o acompanhou durante a sua doença, testemunhou: «Sobre Gino não tenho nenhuma dúvida em dizer que eram dois os pontos exatos em que nunca falhava: a vontade de Deus e a presença de Jesus no meio».

(retirado do perfil lido no funeral em Roccati Papa)

Giulio Falla

*«Sobe a um alto monte, arauto de Sião»
(Is 40,9)*



O Giulio, focolarino casado de Roma, partiu para a Mariápolis celeste no dia 26 de agosto, com 86 anos de idade.

Natural da Sicília, empenhou-se no partido comunista desde jovem, convicto de que a ideologia marxista conduziria à justiça e à fraternidade. A dada altura, perto da sua casa, abriu-se um focolar, iniciando-se um aceso debate entre a sua visão materialista do mundo e uma outra, proposta pelas focolarinas. Tendo-se sentido amado, e depois de muitos anos de afastamento, sentiu necessidade de

entrar numa igreja.

«Aqueles dez degraus - recordou o Giulio - pareciam uma série de montanhas intransponíveis. Olhava para trás e para a frente, para verificar se nenhum companheiro do partido me estava a ver. Finalmente, entrei. Durante mais de uma hora, olhámo-nos em silêncio, ELE e eu. Depois, repentinamente, duas lágrimas deslizaram lentamente. Era ELE que me dirigia a palavra...».

O Giulio sentiu a sua chamada: começou a participar no Movimento e tornou-se focolarino casado. Tocado pela experiência de Chiara, de «coração para Coração», confidenciou-lhe: «Que coisa maravilhosa... por isso Esse coração sofria, palpitava por mim mesmo quando eu estava distante e lutava contra Ele! Amava-me infinitamente».

O Giulio começou a dar-se aos outros no trabalho e no focolar. Com a Dina, a sua mulher, dedicava-se aos filhos com amor. O decorrer dos anos e provas difíceis tornaram mais forte a sua fidelidade ao Ideal: a primeira de todas foi a perda do filho Marco, e depois a sua doença e a de outros familiares. Nos últimos anos, a saúde do Giulio agravou-se e teve de deixar também de trabalhar. Quem o ia visitar ficava convertido: as dores contínuas e lancinantes não eram um peso para ninguém. De uma humildade desconcertante, alegrava-se com as notícias sobre a comunidade, a Igreja, o Papa e as novas gerações. O sofrimento dilatava-lhe o coração e tornava seu o sofrimento dos outros. Um amor enorme e filial por Maria foi o seu amparo até ao fim.

Maria Eulalia (Mariá) Barroca

«Caminha na minha presença» (Gen 17,1)

A Maria Eulália, focolarina casada de Maceió (Brasil), partiu para o Céu no dia 30 de agosto, com 84 anos de idade.

Sendo filha única, cuidou até ao fim da mãe e de duas tias, durante o longo período que durou a doença delas. E, quando o marido morreu de repente, ficou sozinha com três filhos pequenos. Pouco depois, pediu a Chiara para transformar as promessas em votos.

Muito feliz, fascinada pela sabedoria e enraizada no amor a Jesus Abandonado, em 1986 confiou

a Chiara: «Sinto uma grande alegria durante a meditação e a recitação do terço, porque são os momentos em que falo com quem mais amo».

Na Zoneta, foi ponto de referência durante os muitos anos em que ainda não estava no focolar. Era conhecida e estimada por todos. Recebia os jovens com uma abertura muito grande e ajudava-os, com o seu exemplo, a serem coerentes com o Evangelho. Conseguia construir com todos a fraternidade e a comunhão. Sendo muito sensível às desigualdades sociais, tinha uma predileção pelos pobres. Nos momentos de dúvida ou dificuldades na unidade, a Maria intervinha com delicadeza, resolvendo tudo com um sorriso luminoso e com poucas e sábias palavras. No seguimento de uma intervenção cirúrgica, a sua saúde ficou debilitada, mas continuou a frequentar o focolar, passando lá ainda mais tempo.

No seu funeral, agradecidos por tudo quanto fez pela Obra, muita gente afirmou que a sentiam que ela era uma companheira no Ideal, irmã, mãe, avó, amiga, cristã de uma convicção muito profunda e de uma humildade comovente. «A Maria - testemunhou um focolarino - respondeu à chamada de Jesus, ao contrário do jovem rico que se foi embora porque tinha muitos bens. Ela foi a senhora rica que seguiu Jesus com uma vida de fidelidade e de radicalidade».

Maddalena Confalonieri Schienoni

«E chamou-a pelo nome» (Jo 20,16).

A Maddalena, focolarina casada de Milão, chegou ao paraíso no dia 3 de setembro, aos 86 anos de idade.

Conheceu o Ideal com 26 anos e, pouco depois, confidenciou a Chiara: «Descobri o segredo e já não quero retroceder». Com Renzo, também ele focolarino, e os três filhos, formaram uma família unida. O serviço à Obra foi sempre solícito e concreto, com particular dedicação às Famílias Novas. Também viajaram para realizar cursos de formação para casais



em algumas cidades da Índia.

Uma grande fé no Amor de Deus e na Providência, a inata docilidade à unidade, caracterizavam a sua vida espiritual. Ninguém passava ao seu lado sem receber um sorriso, uma disponibilidade para servir, uma caridade construída de pequenas ou grandes atenções.

A Maddalena manteve um constante zelo apostólico, empenhando-se também na difusão da Cidade Nova italiana (quantas assinaturas e quantos relacionamentos levou por diante!). Uma vida doada desta forma não se contradiz, nem mesmo nos momentos de provação. No seguimento de uma difícil intervenção cirúrgica, confidenciou: «Experimento que o amor a Deus é mais forte do que qualquer sofrimento físico ou espiritual». De facto, a diminuição das forças físicas e psíquicas não ofuscou a sua capacidade de estar sempre atenta ao próximo, de aceitar e tornar seu aquilo que ia no coração do outro.

Nos últimos dias, rodeada dos filhos e dos netos, nem sempre conseguia reconhecer as pessoas, mas isso não a impedia de amar quem estava diante de si. O seu sorriso pleno e luminoso confirmava que Jesus era uma realidade forte e nítida na sua alma. O Renzo esteve sempre ao seu lado. O último olhar que dirigiram um ao outro, em simultâneo, foi a confirmação de uma vida de intensa e fecunda comunhão.



Pia Fatica

Rainha do amor

Voluntária de Deus, a Pia deixou este mundo no dia 22 de agosto, em Fontem (Camarões). Durante oito dias, as pessoas desfilaram ininterruptamente diante dos seus restos mortais, para lhe render homenagem, em sinal de gratidão a uma mulher de raça branca, intitulada de Mafua Nkomg (Rainha do Amor) pelo líder tradicional da região.

A Pia nasceu em Campobasso (Itália) em 1929. Obstetra de profissão, aos 38 anos de idade, leu no Observatório Romano que se estava à procura de ajuda num hospital que estava a ser construído na floresta dos Camarões e, mesmo antes de conhecer o Ideal, deixou tudo para se apressar a dar uma ajuda.

O impacto da elevada mortalidade infantil foi para ela muito forte, mas o que mais a impressionou foi a espiritualidade vivida pelos focolarinos, e a Pia não hesitou em aderir, abraçando a vocação de voluntária. E decidiu gastar a sua vida para salvar este povo. Dotada de uma grande capacidade de diálogo com a cultura local, soube estreitar significativos relacionamentos individuais e com famílias, com as autoridades, com quem falava respeitosamente e com amor mas, quando era necessário, também com verdade e liberdade interior. Durante os 48 anos de permanência em Fontem, ajudou a nascer mais de 11.000 crianças, acompanhando-as também na sua caminhada espiritual.

Trabalhou em vários serviços do hospital, e também no último serviço criado por ela, denominado "Departamento de todos os problemas», um nome que só por si diz tudo sobre a amplitude e a abertura do seu coração. A Pia, de facto, tinha uma sensibilidade especial pelos mais desfavorecidos: os doentes, os presos, as pessoas com dificuldades económicas, encontrando sempre uma maneira de ajudar com o dinheiro que, por causa da sua grande fé, conseguia obter da Providência.

A determinação, que sempre a caracterizou, subsistiu mesmo nas últimas semanas, quando escreveu à Emmaus para a informar de que em breve deixaria este mundo: «Estou contente por ir ter com Jesus - escreveu entre outras coisas - e de entregar nos seus braços o mundo pelo qual vivi». No cemitério, debaixo de uma chuva torrencial, sucederam-se as danças da celebração: homens, mulheres e crianças, profundamente gratos a Deus por esta maravilhosa pessoa.

Centro das voluntárias

Artur Tomasi

«... atrain-me para uma aventura divina que ainda não conheço»

O Artur foi uma das primeiras testemunhas do Ideal na Áustria. Natural de Innsbruck, no verão de 1957, já estava presente na Mariápolis de Fiera di Primiero. Sendo professor de matemática, física e religião num liceu, transmitiu a muitos jovens a vida do Movimento, dando, em primeira pessoa, o exemplo de um amor de tal modo concreto, a ponto de ser escolhido pelos jovens como o "professor

da confiança". Muitos deles aceitaram o seu convite para participar nos concertos do Gen Rosso e do Gen Verde. Na sua longa vida, o Ideal foi sempre guia e luz, do mesmo modo que para a mulher, Walburga e para as duas filhas, Sonja e Stefanie. Nos momentos difíceis encontrava especial conforto na Palavra de Vida que Chiara lhe tinha dado: «Se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, fica só; se morrer, dará muito fruto» (Jo 12,20).

E foi precisamente na provação que o Artur se abandonou totalmente em Deus Amor: «... sabendo que tu me amas - escreveu - guia-me através do sofrimento para a felicidade eterna contigo. Conduz a minha vida e atraindo-me para uma aventura divina que ainda não conheço». No dia 13 de dezembro do ano passado, com 90 anos de idade, o Artur deixou este mundo para entrar naquela aventura que Deus tinha guardado para ele, como prémio de uma vida vivida no amor.



Peter Forst

p. Rafael Maria Guzmán (cmf)

«Quem crê em mim também fará as obras que eu realizo; e fará obras maiores do que estas» (Jo14,12)

Aos 15 anos, o Rafael entrou para a Congregação dos Filhos do Coração Imaculado de Maria. No ano de 1970, foi ordenado sacerdote e naquela altura conheceu o Carisma da unidade, no qual encontrou realizados os seus «ideais de amor à Igreja, para ser um homem "incendiado" pela Caridade», como era desejo do seu fundador, Sant'Antonio Maria Claret.

Seguiram-se anos de trabalho interior, nos quais o P. Rafael Maria chegou a deixar a Obra, para depois, em 1995, «voltar a casa», como ele próprio definiu o seu regresso definitivo. Passou um período

na Escola Claritas, em Loppiano, onde fez uma profunda experiência de unidade. De volta a Sevilha (Espanha) dedicou-se a ser um apóstolo claretiano que «incendeia a Caridade e deixa o fogo por onde passa»: entre os escuteiros, os grupos de famílias, os leigos claretianos e a comunidade da Obra, quer como professor da Universidade Popular Mariana quer como responsável da comunidade local. Foi, durante alguns anos, o responsável pelos religiosos na zoneta.

No ano de 2014, devido a problemas de saúde, foi transferido para Granada. O "abanão" não deixou de causar dor, mas os telefonemas, as visitas das pessoas da comunidade da Obra, do superior da sua comunidade e também das pessoas do Ideal asseguraram-lhe a presença de Jesus no meio, a prenda que mais desejava.

Nos últimos meses, o seu estado de saúde agravou-se, perdendo - em alguns momentos - também a capacidade cognitiva. Os religiosos de Granada estiveram sempre a seu lado. No dia 14 de maio, com 69 anos de idade, o P. Rafael Maria chegou à Mariápolis Celeste. Sobre a urna, como ele próprio tinha pedido, viam-se três cravos vermelhos como símbolo do seu casamento com Jesus Abandonado.

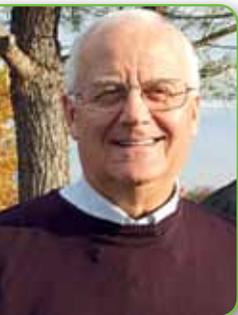
Toni Torres (Sevilha)

Giuseppe Lupi

... penetrar na crueza do mundo...

No encontro de núcleo do dia 27 de maio, o Giuseppe, ex-delegado dos voluntários da Zona de Florença (Itália), estava muito feliz e ninguém esperava que poucas horas depois partisse repentinamente para o Céu, aos 75 anos de idade.

De condições humildes, desde jovem teve de conciliar o trabalho com os estudos, tendo-se tornado responsável por uma estação de correios. Aos 33 anos encontrou a espiritualidade de Chiara, que passou a ser também sua, e que lhe trouxe força e equilíbrio para a sua vida, baseada em três pilares: «família, trabalho e vida da Obra, que incluía empenho social e Igreja». Prioridades estas que o Giuseppe sugeria também aos outros voluntários: «Obrigado a ti e à tua mulher - escreveu a um jovem voluntário - por serdes um verdadeiro tesouro para



todos nós, que andamos sempre a correr e cansados; mas é preciso que encontrem espaço também para vocês e para os vossos maravilhosos filhos». E um outro: «Se não formos nós, os voluntários, a ter no coração o ambiente social e humano, como poderemos desenvolver as estruturas

da Obra, e penetrar na crueza do mundo em que estamos imersos até ao pescoço?».

Com Giuliana, a sua mulher, partilhou a doação de um vida inteira, com cinco filhos e a casa sempre aberta a todos. Tendo-se reformado, tornou-se um suporte importante do Centro La Pira, um espaço de acolhimento e diálogo intercultural confiado aos Focolares da diocese de Florença. Diz-se que todos os homens têm um «lugar» próprio no Evangelho. O Giuseppe foi um autêntico pobre em espírito, homem manso e humilde de coração, com sede de justiça, construtor de paz, que procurou e promoveu a unidade, pelo que só o podemos imaginar sobre o monte das Bem-Aventuranças.

O centro dos voluntários

Gabriella Casciano Giacomobono

«... Deus quer-nos felizes. A nós compete-nos testemunhar a alegria»

Voluntária de Deus da zoneta do Lázio Sul, no dia 15 de maio, a Gabriella partiu inesperadamente para o Céu, aos 66 anos de idade.

Depois de ter recebido, durante um ano inteiro, a Palavra de Vida, sensibilizada pela perseverança de quem Iha mandava, a Gabriella decidiu lê-la e descobriu assim aquilo que sempre tinha procurado. Começou a pô-la em prática e tornou-se, por sua vez, numa assídua distribuidora. Quem a conheceu confirma que a sua vida foi verdadeiramente transformada pelo Evangelho.

Mãe de duas filhas e avó de cinco netos, professora de literatura e de filosofia na universidade, durante muitos anos foi presidente de uma escola secundária, em Pontecorvo, a sua cidade natal.

Em frente da secretária tinha um crucifixo, do

qual Lhe vinha a força quando as reuniões com colaboradores ou pais eram difíceis. Também nas dificuldades pessoais e familiares demonstrava uma fé profunda em Deus e no Seu amor.

Sensível aos problemas sociais, fazia voluntariado na Cruz Vermelha Italiana, no centro de aconselhamento da Caritas e na Comunidade Exodus, sem prejuízo dos seus compromissos na paróquia, onde colaborava na catequese e na animação litúrgica. A Gabriella tinha uma caridade incansável, atenta às necessidades do próximo e discreta na sua atuação. Ninguém batia à sua porta sem receber um gesto de amor concreto.

Nos últimos meses, às voluntárias do seu núcleo, confidenciou que tinha abandonado todos os raciocínios, dúvidas e preocupações para ser toda de Deus e fazer a Sua vontade. «Deus quer-nos felizes - repetia muitas vezes - não deixa que nos falte nada. E quando temos alguma coisa para Lhe pedir, façamo-lo, tendo a certeza de que Ele já no-la concedeu. A nós compete-nos dar testemunho da alegria».

O centro das voluntárias



P. Mihaly (Misi) Szekeres

«... ser amor, como Jesus e caminhar nas suas pegadas»

Sacerdote focolarino húngaro, o Misi concluiu a sua vida terrena no dia 24 de agosto, com apenas 56 anos. Cresceu sendo um fervoroso menino do coro, e viveu a sua adolescência num País atormentado por ideologias materialistas e anticlericais.

Juntamente com o Pali, o seu melhor amigo, encontrou a espiritualidade dos Focolares. Para ambos foi uma descoberta muito importante, a ponto de querer que a sua vida tivesse por base o Evangelho, procurando ser como Maria, que deu Jesus ao mundo. O Pali decidiu doar-se a Deus no focolar e o Misi decidiu tornar-se sacerdote.



No segundo ano do seminário, uma profunda crise fê-lo duvidar de ser capaz de se adaptar aos estudos, pensando que tinha errado a escolha da vocação. Falou disso no focolar e percebeu que seguir Jesus não significa ter a cabeça cheia de ideias sobre Deus, mas ser amor, como Jesus, e caminhar sobre as suas pegadas.

O Misi fez seu este programa e nunca mais voltou atrás. Devido às suas capacidades e sobretudo devido ao facto de saber relacionar-se com toda a gente, quer como capelão quer como pároco, conquistou o amor e a estima de toda a gente que encontrava.

Em 2011 surgiu a doença. O Misi não só soube aceitá-la, oferecendo a Deus as dores que tinha, como também retirou dela uma nova direção de vida: «Parece-me - escreveu - que o ponto principal do Evangelho é tornar visível a Trindade, ajudar a comunidade a viver a vida trinitária. Dei a minha vida a Deus e, no tempo que me resta, quero oferecer-Lhe todas as minhas ações, para que os sacerdotes saibam ser instrumentos de Deus nesta missão da Igreja».

Há um ano, os focolarinos convidaram-no a mudar-se para o focolar de Budapeste, onde vivia também o Pali, a quem confia: «Viver no focolar foi o meu sonho. Agora Deus permite-me viver e morrer convosco. Em Julho, num retiro, a alguns jovens sacerdotes, deu dois conselhos: «Estar atentos em não se deixar levar pelo ativismo e viver em comunhão com outros sacerdotes. Isto ajuda-nos a ter a luz do Ressuscitado».

Tanino Minuta

Carolina Alessio

«Todo aquele que se declarar por mim, diante dos homens, também Eu me declararei por ele diante do meu Pai que está nos Céus» (Mt 10,32)

Uma das primeiras pessoas da Obra, em Bérgamo, a Carolina deixou-nos no dia 18 de maio, com 93 anos de idade. Quando, com 36 anos encontrou o Ideal, deu-se logo conta de ter encontrado a pérola preciosa pela qual valia a pena viver. Dedicou-se ao Movimento como voluntária, colaborando ativamente nas Mariápolis e organizando

encontros, na sua cidade, com a participação, às vezes, também dos focolarinos do Centro do Movimento.

Em 1981, foi para Montet para ajudar na abertura da escola das e dos focolarinos. Ficou lá durante cinco meses para trabalhar na cozinha. Foi para ela uma ocasião para viver uma forte experiência de unidade com as focolarinas e os focolarinos dos primeiros tempos, que iam lá por causa das aulas. Alguns anos mais tarde, aceitou o convite do Centro das Voluntárias e foi ajudar na abertura da escola das voluntárias, em Loppiano, onde, durante 15 anos, a Carolina esteve na cozinha, em contacto com voluntárias de todo o mundo. A quem lhe perguntava o que a fascinava naquela vida, respondia: «Procuro fazer tudo por Jesus, como Maria».

Nos últimos anos foi viver para um lar de idosos, permanecendo fielmente ligada às voluntárias da sua comunidade que, muitas vezes, a iam visitar e fazer festa com ela.

O centro das voluntárias



Os nossos parentes

Passaram para a Outra vida: **Aracy, mãe de Julio Gulin**, focolarino em Santiago do Chile; **Lucia, mãe de Vytautas**, focolarino em Vilnius; **Emilia, mãe de Walter Kostner**, focolarino em Montet; **Angela, mãe de Paola Vanoli**, Carmine, pai de Paola Cipollone, e Regina, mãe de Rosanna (Aurea) Calegaro, focolarinas na Mariápolis Romana; **Turidda (Salvatrice), mãe de Gino Mineo**, focolarino em Tlemcen (Argélia); **Bruno, pai de Daniela Ropelato**, focolarina em Loppiano; **Augusto, pai de Leandro Bilancioni e Carolina, irmã de Fausto Mazzetti**, focolarinos em Loppiano; **Angelo, irmão de Maria (Mari) Gennaro, e Michele, irmão de Antonia (Aurora) Fancello**, focolarinas em Montet; **Zacharie, pai de Claudine Kasuza** foc.na na Mariápolis Piero; **Teresa, mãe de Alfredo Scognamiglio**, focolarino no centro zona Itália, e de **Federico, Tina e Marisa** focolarinos casados em Nápoles; **Bernard, irmão de Josephine Ndayshimiye (Micor)** foc.na em Dar-es-Salaam (África Oriental); **Christiane Catzeflis, mãe de Isabelle**, focolarina em Berna e de **Etienne**, sacerdote; a mãe de **Roberta Munegato**, focolarina em Caracas (Venezuela).

A nossa nova zona, na Cidadela

De 14 a 18 de Outubro tivemos na Cidadela Arco-íris o encontro dos responsáveis de todos os países que constituem a nossa nova zona - Espanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Holanda e Países Escandinavos, Inglaterra, Irlanda, Malta e Portugal - com a Maria e o Henri-Louis (os responsáveis da zona da Europa ocidental). Depois do encontro de responsáveis centrais, em Roma, eles quiseram fazer aqui a partilha da forte realidade que viveram.

Depois do dia 18, a Maria e o Henri-Louis ficaram em Portugal até ao encontro de Fátima, a 25, com todos os internos que puderam participar. Nessa semana puderam estar com os sacerdotes focolarinos e voluntários e conhecer alguns dos focolares de Portugal e muitas comunidades. Mandaram-nos, a seguir, esta mensagem:

«Após os dias vividos convosco em várias cidades do vosso belo país, queremos novamente expressar toda a nossa gratidão e o nosso amor.(...)»

Ficámos particularmente impressionados com os gen, numerosos, maduros, radicais e cheios de talentos. É uma grande riqueza para vocês, mas também para toda a zona e não só. Nos outros países da Europa, não é assim tão óbvio. Cada vez mais, vem em relevo com uma maior clareza a “estrada” que a Emmaus vos deu: Maria e os jovens.

Como estão a iniciar um ano de “jubileu”, pelos 50 anos da chegada do Ideal a Portugal, podem aproveitar para viver uma rica e frutuosa experiência de “atualização” do carisma no vosso país: que este ano da unidade possa ser uma ocasião para crescerem nos vossos relacionamentos de amor-verdade, de modo a poder exprimir a identidade portuguesa clarificada pelo carisma, e, assim, lançarem-se em direção ao futuro com confiança, como uma dádiva para a Igreja e para a humanidade.»

